



# ESPORTES UNIFICADOS: FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE E LAZER INCLUSIVO

Vagner Roberto Bergamo<sup>1</sup>; Vanderlei Palandrani Junior<sup>2</sup>; Bruna Marcelino Santana<sup>3</sup>; Mariana Rosa Brandão<sup>4</sup>; Marina Matsumoto<sup>5</sup>; Jefferson Eduardo Hespanhol<sup>6</sup>; Marcelo Gurian<sup>6</sup>; Mariângela Coelho de C. Camilo<sup>6</sup>

## RESUMO

O presente trabalho vem expor os desafios superados pelo projeto de extensão “ESPORTES UNIFICADOS: modelo para o desenvolvimento do esporte e lazer inclusivo” no processo de inclusão das pessoas com deficiência da escola parceira. O projeto teve como **objetivo**: despertar os distintos grupos – alunos com e sem deficiência - para o convívio social, considerando a educação física como

elemento de formação social; transformar as relações sociais na escola e exercitar a inclusão de maneira efetiva. **Método**: O projeto teve duração de dois anos, compreendido entre janeiro de 2016 a dezembro de 2017. As oficinas aconteceram, semanalmente no ano de 2016 e quinzenalmente no ano de 2017, nas dependências da escola parceira, tendo duração de 90 minutos. O público alvo foi

<sup>1</sup> Professor vinculado ao curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

<sup>2</sup> Responsável pelo Centro Interdisciplinar da Atenção a Pessoa com Deficiência da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

<sup>3</sup> Aluna Bolsista de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

<sup>4</sup> Ex-aluna Bolsista de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

<sup>5</sup> Coordenadora Pedagógica da escola parceira (EMEF Prof. Vicente Ráo).

<sup>6</sup> Professores de Educação Física da escola parceira (EMEF Prof. Vicente Ráo).

composto por todos os alunos da escola, tendo o início de implantação progressiva: primeiro semestre de 2016, com oito alunos com deficiência dos anos finais do ensino fundamental, 6º ao 9º anos com os parceiros fixos, totalizando dezesseis alunos; no segundo semestre, alunos dos anos iniciais, 1º ao 3º anos com o rodízio dos parceiros, totalizando oitenta alunos, sendo oito alunos com deficiência e setenta e dois alunos sem deficiência. No ano de 2017 o projeto passou a ser integrado por todos os anos do ensino fundamental, nas aulas de educação física, independente das turmas não terem alunos com deficiência, totalizando neste ano a participação de 543 alunos. **Resultados**

**Alcançados:** Com o desenvolvimento do projeto de extensão, foi possível apontar os impactos positivos nos alunos com deficiências; nos alunos sem deficiências; nos professores de educação física da escola; nos alunos bolsista do projeto de extensão; no coordenador do projeto de extensão. No entanto, considerando o início de uma transformação social, a continuidade de projetos dessa natureza se faz necessária diante do compromisso social da Educação Física e do comprometimento da Universidade com o processo de inclusão no Brasil.

**Palavras-chave:** Esportes Unificados; Pessoas com Deficiências; Extensão.

## INTRODUÇÃO

Para melhor compreensão do presente trabalho, faz-se necessário, inicialmente, entender a trajetória que o processo de inclusão das pessoas com deficiências, em especial nos bancos escolares das escolas municipais de Campinas percorreu, contextualizando brevemente a sua origem.

A inserção da pessoa com deficiência está garantida pela legislação vigente (Diretriz CNE/CEB nº 2/2001, MEC/SEESP), porém tal medida ainda não garantiu a sua efetiva inclusão nas escolas municipais da cidade de Campinas. Provavelmente, as dificuldades para implantação de tal medida que foram se tornando mais evidentes ao longo de sua implantação, foi à preocupação exaustiva com o cumprimento da lei: “Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos”, e não ter cuidado igualmente do apoio ao professor e à escola no seu todo. (BERGAMO, V., ALVES, A.R., BRANDÃO, M.R., 2017)

Embora a implantação das diretrizes CNE/CEB tenha ocorrido, não houve o cuidado adequado de apoio aos professores e à escola no seu todo. Essa adequação ainda não tem ocorrido na totalidade das escolas municipais da cidade de Campinas, provavelmente pela precariedade de estrutura física (acessibilidade física), escassos materiais didáticos e/ou inapropriados a esses sujeitos ou até a falta de formação docente adequada e falta de professores apoiadores com conhecimento específico da disciplina de Educação Física.

Segundo Rodrigues (2006) vários fatores corroboram com o problema quanto a inclusão de alunos com deficiência nos programas de educação física inclusiva, incluindo:

- Ausência do apoio do professor de educação física. O apoio educativo para a inclusão de alunos nas aulas de Educação Física, quando existe, é em termos genéricos por docentes que não são da área disciplinar criando dificuldades para o professor de Educação Física encontrar uma forma mais fácil no diálogo com professor de apoio;



- Alunos com uma gama diversificada de deficiências estão sendo cada vez mais inseridos dentro do ensino regular;
- Cultura generalista de exclusão nas aulas de Educação Física;
- Cultura competitiva constitui outra fonte de exclusão. O sistema de competição exacerbada contribui para a escolha dos melhores em detrimento da exclusão da maioria;
- Dispensa dos alunos com deficiências das aulas de Educação Física. Frequentemente com anuência do professor com algum alívio, pois se sente pouco capaz para dar resposta ao caso;
- Conflitos de interesse, quanto à inclusão de alunos com deficiências nos programas de educação inclusiva, pois da mesma forma que existem adeptos e defensores do sistema educacional inclusivo, existem outros que contrapõem esse sistema.

Entre as dificuldades apontadas por Rodrigues, entendemos que a ausência do apoio aos professores de educação física é a mais significativa. Nesse sentido, o Curso de Educação Física da PUC-Campinas não poderia ficar indiferente ou neutro em face deste movimento de inclusão, por dois motivos: primeiro por constar em seu currículo disciplinas voltadas para o processo de inclusão; por ser a Educação Física parte integrante do currículo oferecido pela escola.

Procurando atender a formação do professor e as necessidades da escola em acolher os alunos com deficiências nos seus bancos escolares, buscamos nos Esportes Unificados da Special Olympics (Special Olympics Handbook. Unifield Sports, 2003), a iniciativa para minimizar tal problema, uma vez que a proposta dos Esportes Unificados foi usada com sucesso nos anos 70 pelos Estados Unidos, onde diretores de escolas especializadas americanas estavam interessados pelo mesmo problema que hoje enfrentamos nas escolas

públicas brasileiras, encontrar programas que colocassem pessoas com deficiências em contato com pessoas sem deficiência, para atender a integração social que era a palavra de ordem daquela época, hoje entendida como inclusão.

Considerando as demandas apresentadas pela escola parceira, foi proposto no biênio 2016/2017, o projeto “Esportes Unificados: ferramenta para o desenvolvimento do esporte e lazer inclusivo”.

Para atender o objetivo do projeto de extensão, iniciamos no primeiro semestre de 2016, trabalhando com o grupo de alunos com deficiências e com os parceiros fixos da mesma sala de aula. Passamos no segundo semestre a revezar os parceiros, assim, todos os alunos da classe tiveram a oportunidade de ser parceiro do seu colega com deficiência. Porém, as classes que não tinham alunos com deficiência, não vivenciaram tal experiência.

Após a sensibilização no ano de 2016 dos alunos e professores da escola parceira, e atendendo a solicitação da coordenação pedagógica e direção da escola, a proposta original do projeto de extensão foi ampliada para atender a necessidades de assistir a todas as crianças com e sem deficiências nas aulas de educação física. Passamos no primeiro semestre de 2017, a organizar as atividades e orientar os professores de educação física na proposta dos Esportes Unificados com a inclusão dos esportes Paralímpicos em todas as aulas de educação física, para todos os alunos da escola.

Partindo do princípio que a inclusão é um movimento novo em nossa sociedade, na qual a população é que se deve preparar para receber o deficiente e não o contrário, incluir os esportes Paralímpicos dentro da filosofia dos Esportes Unificados era a oportunidade de trabalhar a inversão do processo, onde os alunos sem deficiências seriam os atores principais, portanto, passariam a vivenciar por meio dos Esportes Unificados e Paralímpicos



as dificuldades encontradas pelas pessoas com deficiências, despertando assim a consciência e respeito pelo próximo.

A estratégia de sensibilização foi a melhor forma que encontramos para despertar na comunidade escolar (alunos sem deficiências e professores) a necessidade da inclusão. Segundo Bruner (1969), usar o recurso do estranho provoca a comparação e a compreensão da realidade na qual as pessoas com deficiências estão imersas. Ao introduzir temas estranhos à experiências dos alunos, descobre-se que estes são estimulados, uma vez que o estranho está fora de sua compreensão, enquanto que na consideração do familiar permanecem apáticos.

A intenção de colocar todos os alunos nas mesmas condições teve como propósito, despertar nos alunos sem deficiência as dificuldades encontradas quando submetido a situação da pessoa com deficiência procurando despertar a preocupação com o pensar nos outros antes de pensar em si própria, HOFFMAN, E.; SILVEIRA, R. F.; POLYDORO, J.L. (2010)

O objetivo de vivenciar as dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam no dia a dia (locomoção, acessibilidade física e social), foi provocar nos alunos sem deficiências a consciência de que a inclusão só é possível quando a sociedade se adapta para receber o deficiente, não o contrário. Sasaki (1999). Entendemos que o melhor lugar para começar essa revolução é na escola.

Ressaltamos que a inclusão dos Esportes Paralímpicos, foi uma ferramenta de apoio para os professores de educação física, uma vez que os Esportes Paralímpicos não se diferenciam em conteúdos, mas compreendem técnicas, formas de organização e adaptações específicas, visando atender às necessidades especiais dos educandos e assegurar sua participação nas aulas de educação física, não interferindo no desenvolvimento do planejamento escolar, uma

vez que os esportes são semelhantes, somente algumas adaptações seriam necessárias, dentre elas: tamanho da quadra, regras e equipamentos e, colocando todos os alunos independentes das suas condições na mesma situação, facilitou o trabalho do professor, pois o tratamento foi o mesmo para todos os alunos.

Essa iniciativa teve duplo benefício: o primeiro foi tirar dos professores de educação física o peso de incluir em suas aulas os alunos com deficiências, pois às dificuldades que os alunos com deficiência apresentam, em especial na realização das aulas de educação física, uma vez que a deficiência fica evidenciada, dada a natural exposição corporal existente nas atividades físicas e esportivas, tem provocado frustrações nos professores de educação física por não poder dar atenção constante para esses alunos, assim, ficava mais fácil dispensá-los das aulas, quando o correto seria buscar novas metodologias para incluí-los; por outro lado a prática dos Esportes Paralímpicos lhes são familiares e, colocar todos os alunos nas mesmas condições dos alunos com deficiência, facilitaria assim a inclusão dos alunos com deficiência e o trabalho do professor.

Neste sentido, o projeto teve como objetivo: despertar para o convívio social entre distintos grupos, fortalecendo a inclusão, bem como despertar a solidariedade considerando a educação física como elemento de formação social, permitindo à pessoa com deficiência em paridade com os outros as mesmas oportunidades, dessa maneira, transformar as relações sociais na escola e exercitar a inclusão de maneira efetiva.

Indiretamente, o projeto buscou apoiar os professores de educação física da escola parceira no processo de inclusão dos alunos com deficiência, por meio dos conhecimentos e metodologias desenvolvidas nas oficinas, ao mesmo tempo colocar o aluno bolsista como agente de transformação social.

## MÉTODO

Este Projeto adotou como método o uso de oficinas como ações de extensão, a partir do pressuposto que as mesmas oferecem espaços de negociação, em um processo de intervenção dialógica com o público alvo e também possibilita um contexto para a transformação social (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014).

As oficinas segundo Candau (1999) são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências e de exercício concreto dos direitos humanos.

A proposta do projeto de extensão apresentado originalmente foi modificada, sendo necessário fazer adequações das atividades ora prevista para atender aos anseios da escola parceira.

Contudo, as adequações realizadas não comprometeram a pertinência da metodologia proposta em relação aos objetivos, ao conteúdo, ao cronograma e aos recursos materiais apresentados originalmente.

Embora houvesse necessidade de adequação das atividades e público alvo originalmente previsto, foi possível atender aos objetivos propostos, uma vez que após a oficina ministrada, eram colhidos os depoimentos dos alunos e professores das seguintes questões: a) A oficina cumpriu os objetivos propostos?; b) A estratégia metodológica adotada foi eficaz para o cumprimento dos objetivos?; c) O público alvo participou ativamente das atividades propostas?; d) Demonstraram atenção e interesse?; e) Fizeram sugestões?

Os relatórios diários serviram durante as reuniões semanais de referência para a análise da aproximação ou distanciamento dos objetivos que nortearam o projeto de extensão, ou seja, um meio pelo qual foram identificados os conflitos no processo de ensino-aprendizagem/treinamento. Posteriormente, essa referência levou a uma reinterpretação constante

das metodologias de ensino-aprendizagem/treinamento e da avaliação das oficinas, sempre a par dos interesses individuais, coletivos e do projeto de extensão.

## PÚBLICO ALVO

O público alvo total participante deste projeto foi estimado em aproximadamente 543 alunos, três Professores de Educação Física, uma Coordenadora Pedagógica e Direção e Vice Direção da escola, assim divididos: primeiro semestre de 2016: oito alunos com deficiências e oito (8) alunos parceiros fixos sem deficiências, do ensino fundamental, anos finais; segundo semestre de 2016: oito (8) alunos com deficiências e setenta e dois (72) alunos parceiros rotativos sem deficiências, do ensino fundamental, anos iniciais; primeiro e segundo semestre de 2017: quinhentos e quarenta e três (543) alunos com e sem deficiências, do ensino fundamental, ciclos iniciais e finais.

## LOCAL E HORÁRIO DAS OFICINAS PRÁTICAS

As oficinas, durante o ano de 2016, foram realizadas às segundas feiras, das treze e trinta às quinze horas e trinta, nas dependências da Escola Parceira. A partir do ano de 2017, as oficinas foram realizadas segundo os dias de aula dos professores de educação física (segundas, terças, quintas ou sextas feiras)

Semanalmente ocorriam reuniões para a elaboração das oficinas e discussão e análise das oficinas realizadas com os alunos bolsistas e grupo de alunos voluntários nas dependências da faculdade de Educação Física da PUC-Campinas (FAEFI).

## INDICADORES DOS RESULTADOS

Os indicadores para análise dos resultados esperados relativos ao público-alvo, durante o ano de 2016, foram: a) a frequência e participação nas atividades (domínio sócio-afetivo);

b) os registros diários dos desempenhos, tais como: avaliação observacional das habilidades motoras de locomoção: corrida e do salto de cada, e habilidade motora de manipulação: bocha e basquetebol por meio dos manuais de orientação dos professores, caracterizada pelo nível de desenvolvimento motor de cada participante; número de acertos; número de repetições num determinado tempo; distância alcançada em uma determinada tarefa; e proporções de acertos e erros nas atividades esportivas específicas.

O critério de avaliação comportamental das oficinas se baseou nos aspectos como a relação interpessoal, intrapessoal, participação e satisfação do aluno, assim como os objetivos e metodologia utilizada pelo professor coordenador do projeto e do aluno bolsista para o desenvolvimento das atividades. Os critérios utilizados seguiram uma escala numérica proposta por Hensley (1989): Fraco (F=1); Razoável (R=2);

Satisfatório (S=3); Bom (B=4) e Excelente (E=5). Todos esses instrumentos foram aplicados nos deficientes e nos parceiros, somente no primeiro semestre, uma vez que neste semestre os parceiros eram fixos. A partir do segundo semestre houve rodízio dos parceiros, não sendo possível acompanhar o comportamento dos mesmos.

A avaliação do ano de 2017 ficou restrita aos relatos dos alunos e professores de educação física colhida durante as oficinas.

As avaliações serviram de referência para a análise da aproximação ou distanciamento dos objetivos que nortearam o projeto de extensão, ou seja, um meio pelo qual foram identificados os conflitos no processo de ensino-aprendizagem/treinamento. Posteriormente, essa referência levou a uma reinterpretação constante das metodologias de ensino-aprendizagem/treinamento e da avaliação das oficinas, sempre a par dos interesses individuais, coletivos e do projeto de extensão.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

### PRIMEIRO SEMESTRE DE 2016

Os resultados dos relatórios diários do primeiro semestre referentes ao comportamento motor e social do público alvo serão expostos a seguir.

Foram realizadas somente 5 oficinas no primeiro semestre em virtude do projeto ter seu início no mês de abril.

Quadro 1 – Atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2016	
Nº Oficina	Conteúdo
3	Vivência das habilidades de locomoção – corrida e salto
2	Vivência das habilidades combinadas de locomoção – corrida e salto

Como já descrito anteriormente as oficinas foram organizadas para atender o desenvolvimento motor do público alvo e prepará-los para o evento do segundo semestre.

A tabela 1 apresenta os dados registrados durante as oficinas referentes ao comportamento do público alvo: assiduidade, comportamento, participação, relação interpessoal e relação intrapessoal.

**Tabela 1. Resultado das avaliações individuais comportamentais referentes ao público alvo do projeto de extensão (alunos com e sem deficiências intelectuais)**

	Nº participantes	Assiduidade	Comportamento	Participação	Relação interpessoal	Relação intrapessoal
Média alunos c/ deficiências	08	4,63	3,98	3,92	3,77	4,20
Desvio padrão		0,49	1,36	1,37	1,28	1,03
Média Parceiros	08	4,82	4,44	4,76	4,76	4,85
Desvio padrão		0,39	1,19	0,50	0,43	0,36
Média Geral	16	4,69	4,14	4,21	4,11	4,43
Desvio padrão		0,46	1,32	1,21	1,17	0,91

Legenda: Fraco (1); Razoável (2); Satisfatório (3); Bom (4); Excelente (5)

É possível observar, de forma geral, que as oficinas atenderam aos objetivos de oferecer atividades que despertam o interesse e participação do público alvo, melhorando assim o relacionamento inter e intrapessoal.

Além dos resultados gerais, destacamos os seguintes pontos: a) média dos alunos com deficiências obteve valores equivalentes a satisfatório e bom em participação e relação interpessoal. Considerando que o grupo era heterogêneo (síndrome de down, autismo e deficiência intelectual leve), caracterizado pela dificuldade de relacionamento, o resultado foi surpreendente; b) em relação aos parceiros a média obtida ficou entre bom e excelente, mostrando o comprometimento e entendimento do seu papel como parceiro.

No segundo semestre o público atendido foram alunos com e sem deficiências dos anos iniciais com rodízio dos parceiros, estendendo para outros alunos da mesma sala tal experiência, dando a oportunidade para que todos compreendessem o papel cooperativo entre diferentes sujeitos.

Considerando as características do novo público (alunos dos anos iniciais), enfatizamos o domínio das habilidades motoras fundamentais, uma vez que essas habilidades são imprescindíveis para o desenvolvimento de habilidades motoras.

Os resultados da avaliação das habilidades motoras da corrida e do salto estão expostas no quadro 2.

**Quadro 2 - Resultados da avaliação das habilidades motoras de locomoção – corrida e salto**

Desenvolvimento Motor: Salto Horizontal	Estágio	Desenvolvimento Motor: Corrida	
	6 alunos	<b>Inicial</b>	6 Alunos
	2 alunos	<b>Elementar</b>	Nenhum
	Nenhum	<b>Maduro</b>	2 Alunos

Os resultados do quadro 2 demonstram o comprometimento dos aspectos motores, causado mais pela ausência de estímulos do que propriamente pela deficiência.

Como a atividade de salto apresenta um grau de maior complexidade observa-se nos dados que nenhum dos alunos alcançou o estágio maduro, contrário à atividade de correr, mais espontânea, onde dois alunos conseguiram atingir o estágio maduro.

Baseado na avaliação, as atividades foram desenvolvidas de forma lúdica e recreativa buscando atender as necessidades dos alunos e a melhora dos aspectos motores daqueles que se encontram no estágio inicial e ou elementar.

Foram organizados para cada habilidade motora exercícios educativos que prendessem a atenção e facilitassem o entendimento de como deveria ser feita a atividade. Assim, as adaptações de outros materiais como barbante, bexiga e bola de tênis não só tornaram

as oficinas mais atraentes como estimulou o gosto pela realização das atividades, melhorando sensivelmente o repertório motor do público alvo.

Isso comprova que a deficiência não é empecilho para o aprendizado.

## SEGUNDO SEMESTRE DE 2016

As atividades desenvolvidas no segundo semestre se basearam nos esportes coletivos basquetebol, voleibol sentado, bocha e atletismo em atividades lúdicas de recreação como mostra o quadro 3.

O trabalho com as habilidades motoras fundamentais no primeiro semestre serviu como base para a implementação dos esportes coletivos, que por sua vez contribuiu através do padrão motor como meio para atingir os objetivos cognitivo e socioafetivo.

No segundo semestre foram realizadas 12 oficinas descritas no quadro 4.

**Quadro 3 – Atividades desenvolvidas no segundo semestre de 2016**

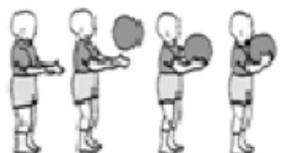
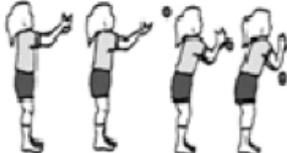
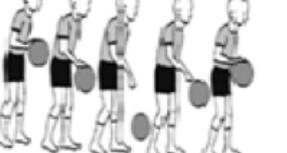
<b>Oficina</b>	<b>Conteúdo</b>
2	Vivência das modalidades coletivas: basquetebol e voleibol sentado.
1	Vivência das habilidades combinadas de locomoção – corrida e salto
3	Jogos Escolares Municipais Adaptados (JEMA)
3	Vivência da modalidade Bocha
2	Atividades lúdicas e recreativas: salto vertical, arremesso do basquetebol, memória, raciocínio, coordenação motora.
1	Vivência da bocha com familiares

Embora a prática do basquetebol seja favorável para o desenvolvimento cognitivo e social é fundamental que seu praticante domine os princípios básicos dos elementos do jogo de

basquetebol. Nesse sentido, avaliar o estágio do desenvolvimento motor dos fundamentos do basquetebol foi fundamental para dar início ao ensino-aprendizagem do jogo.



**Quadro 4. Resultados da avaliação do desenvolvimento motor de Gallahue (2008)**

<b>Desenvolvimento Motor: Recepção do Basquetebol</b>	<b>Estágio</b>	<b>Desenvolvimento Motor: Drible do Basquetebol</b>
	<b>Inicial</b>	
6 alunos		6 Alunos
	<b>Elementar</b>	
5 alunos		3 Alunos
	<b>Maduro</b>	
Nenhum		2 Alunos

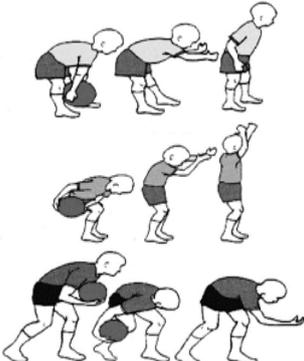
No quadro 4 a maior parte dos alunos se encontram no estágio inicial e elementar em ambas as habilidades devido ao grau de comprometimento característico da deficiência, influenciando as habilidades óculo-manual e sensório-motor refletindo nos resultados dos testes. Porém a deficiência não é um fator limitante para que seja atingido um padrão maduro, ainda que seja necessário um maior tempo para o desenvolvimento das habilidades.

Devido a faixa etária e grau de comprometimento do público alvo referente ao segundo semestre, a prática do basquetebol não atendeu a todos por ser um jogo que exige do

participante resposta sob a pressão do tempo dificultando as ações, em especial, do público com deficiência intelectual.

Assim a prática da bocha pôde ser desenvolvida atendendo às restrições individuais do público mais comprometido, uma vez que a bocha requer atenção, precisão e concentração, elementos essenciais para o controle dos alunos mais comprometidos, sendo essencialmente uma atividades de manipulação, porém com menor exigência na parte motora, pois não se aplica nessa modalidade a pressão do tempo, pressão de organização, pressão de carga, pressão da complexidade presentes no jogo de basquetebol.

### Quadro 5. Avaliação da habilidade motora de Manipulação - Bocha

Desenvolvimento Motor: Manipulação - Bocha	Classificação	Estágio
	2 alunos	Inicial
	1 aluno	Elementar
	2 alunos	Maduro

O quadro 5 apresenta os resultados da avaliação feita de forma observacional dos quesitos força, precisão e noção de direção, dos alunos na modalidade bocha, onde a maioria deles se encontra no estágio inicial e maduro. Para atender as necessidades da prática da bocha foram realizadas três oficinas onde era solicitada as ações de precisão, pontaria, controle de força aplicando os conceitos de forte/fraco, lento/rápido, dentro/fora, perto/longe, direita/esquerda.

É possível perceber que os movimentos são fáceis de serem realizados, e o mais importante, não apresenta pressão de tempo e interferência do adversário na hora do jogo, porém a maior dificuldade encontrada na ação de precisão diz respeito ao fato dessas variáveis necessitarem ser otimizadas em relação ao objetivo que se pretende alcançar.

#### RESULTADOS DO ANO DE 2017

No segundo ano de projeto de extensão ocorreu a maior mudança, uma vez que após a sensibilização no ano de 2016 dos alunos, professores e gestores da escola parceira, passamos no ano de 2017 a organizar as oficinas e orientar os professores de educação física na proposta de inclusão dos Esportes Unificados

e Paralímpicos em todas as aulas de educação física, para todos os alunos da escola.

A mudança só foi possível, uma vez que os professores de educação física da escola sentiram-se apoiados pelos atores do projeto de extensão (professor de extensão e alunos bolsistas).

Essa iniciativa trouxe vários benefícios impactantes para a comunidade escolar, dentre eles podemos apontar:

#### **Impacto para alunos com deficiências**

- a prática de colocar todos os alunos nas mesmas condições favoreceu a participação dos alunos com deficiências, pois as dificuldades eram para todos, assim as atenções não estavam voltadas exclusivamente para eles. Serviu também como apoio para a prática regular de atividade física, atendendo assim as recomendações da Organização Mundial de Saúde que preconiza pelo menos três vezes por semana com duração de 30 minutos; **Impacto para os alunos parceiros sem deficiências** – Usar o recurso do estranho provocou a comparação e a compreensão da realidade na qual as pessoas com deficiências estão imersas. O exercício de colocar os alunos sem deficiências (parceiro) no lugar do outro promoveu a revisão de conceitos, atitudes e valores evidenciados

no relacionamento interpessoal que devem ser trabalhados durante todo o processo educativo. Ao introduzir os esportes Paralímpicos considerado uma experiência estranha para os alunos sem deficiência, foi mais estimulante do que permanecer com os esportes considerados familiares, uma vez que o estranho está fora de sua compreensão, enquanto que na consideração do familiar permanecem apáticos. Neste sentido, vivenciar as dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam no dia a dia (locomoção, acessibilidade física e social), foi provocar nos alunos sem deficiências a consciência de que a inclusão só é possível quando a sociedade se adapta para receber o deficiente; **Impacto para os professores da escola** – o apoio dado aos professores na implantação da proposta de inclusão do projeto de extensão nas aulas de educação

física promoveu nos professores atitudes mais positivas frente aos alunos com deficiências, tornando-os defensores da inclusão; **Impacto para os alunos bolsistas de extensão do Curso de Educação Física** – os alunos bolsistas deixaram de ser meros receptáculos de um conhecimento validado pelo professor para se tornarem participantes e apoiadores do processo, conduzindo de mãos dadas o crescimento possibilitado pelo conhecimento que aponta a direção desse processo; **Impacto para professor orientador do projeto de extensão** – estar a frente de um projeto de extensão que desafia o Curso de Educação Física, professores, alunos e gestores da escola parceira a mudar a forma de ver a inclusão é gratificante, fazendo acreditar que o processo educativo tem o poder de construir uma sociedade justa, solidária e fraterna, basta acreditarmos.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poder possibilitar a prática da educação física aos alunos com deficiência, onde todos são tratados igualmente, é extremamente gratificante e positivo, pois contribui com a humanização, inclusão e valorização pessoal.

A parceria dos Esportes Unificados e Paralímpicos foram fundamentais para a inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de educação física inclusiva caracterizada por um novo papel cooperativo entre diferentes sujeitos criando condições para que a seja meio para alcançar um bom clima de relações humanas,

permitir às pessoas com deficiências em paridade com os outros as mesmas oportunidades, e, dessa maneira, transformar as relações sociais no ambiente escolar.

Espera-se com essa proposta transformar as salas de aula em lugares onde a inclusão social seja convertida em problemas educativos, maior qualificação para a formação humana dos futuros cidadãos e motivação para participação em atividades dirigidas às pessoas com deficiência.



## REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, Educação Especial**; Decreto nº 914/93 - Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; Resolução CNE/CEB Nº 2/01 - Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

BERGAMO, V.R.; MARINHO, M.C.S. Esportes Unificados: modelo para o desenvolvimento do esporte e lazer inclusivo. In: LAZIER, J. A. e VALENTIN I. F. (Organizadores) **COLETÂNEA DO FÓRUM NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA DAS INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR: Extensão e Ação Comunitária: O Aprendizado pela Extensão e a Ação Apreendida na Extensão**. Piracicaba – SP: Editora Unimed, volume IV, p. 155-174, 2016.

BRUNER, J. **Hacia una teoría de La instrucción**. México. Union Tipográfica Editorial Hispano Americana (UTEHA), 1969.

CANAU, V. M. **Educação em Direitos Humanos**: uma proposta de Trabalho. Rede Nacional de Direitos Humanos, disponível em [www.dhnet.org.br/educar/cartilhas/oficinas/part1.html](http://www.dhnet.org.br/educar/cartilhas/oficinas/part1.html), 1999.

HENSLEY, L.D. **Tennis for boys and girls**: Skills test manual. Reston, VA: AAHPERD, 1989.

HOFFMAN, E.; SILVEIRA, R. F.; POLYDORO, J.I. Altruísmo no Brasil: um estudo exploratório. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, vol.18, n. 1-2, Jan-Dez 2010, 36-46p.

PODRIGUES, D. **Atividade motora adaptada**: a alegria do corpo. São Paulo. Editora Artes Medicas, 2006.

SASSAKI, ROMEU KAZUMI. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro. 3ª edição: WVA, 1999.

SPECIAL OLYMPICS. **Who we are**. Disponível em: [http://www.specialolympics.org/who\\_we\\_are.aspx](http://www.specialolympics.org/who_we_are.aspx). Acesso em: 05 jan. 2012.

SPECIAL OLYMPICS HANDBOOK. **Unifield Sports**, 2003. Disponível em: [http://www.specialolympics.org/who\\_we\\_are.aspx](http://www.specialolympics.org/who_we_are.aspx). Acesso em: 05 jan. 2014.

SPINK, M. J., MENEGON, V. M., MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia e Sociedade**, v.26, n.1, 32-43, 2014.

